

Ao textos de João Paulo II, que o autor situa numa fase de «maturidade» da questão, é dedicado um grande capítulo (89-133). O capítulo 5 analisa, de seguida, vários textos de diversos organismos vaticanos, cujo cerne é constituído pelo assunto em análise. Após essa abordagem simultaneamente vasta e sintética (o que demonstra a maturidade do autor e o perfeito domínio do assunto e dos textos em questão), é introduzido um de reflexão final sobre o pluralismo religioso, que serve simultaneamente de transição para a última parte do livro.

Esta constitui a parte mais original do livro, dedicada à análise de textos magisteriais não vaticanos mas provenientes das Igrejas locais, nomeadamente da Ásia (cap. 7), da África (cap. 8), da América e da Europa (cap. 9). Somos aí confrontados, de forma bem organizada e bem contextualizada, com uma multidão de textos significativos, sobretudo relativos a experiências particulares de diálogo com outras religiões *in loco*, sobretudo nas situações em que o cristianismo não é maioritário. É interessante o enquadramento neste âmbito das religiões tradicionais africanas e índias, assim como da herança africana no Brasil.

O livro encerra com um capítulo de «balanço e perspectiva», em que o autor revela singular domínio do assunto, conseguindo uma sistematização exemplar do tema, sempre na estreita relação entre os fundamentos teológicos e os princípios pragmáticos de actuação concreta.

O próprio autor confessa não ter a pretensão de uma análise exaustiva, nem intensiva nem extensivamente. Trata-se, antes, de uma apresentação global, sistematizada, dos núcleos centrais, com apontamento de material e caminhos a desenvolver posteriormente. Mas não se trata de uma mera enumeração de textos ou temas. O livro constitui uma reflexão sistemática sobre aquilo que marca a linhas fundamentais do pensamento magisterial da Igreja católica sobre o diálogo com as outras religiões. Destina-se, por isso, a ser um clássico de referência para quem pretender abordar a questão, seja em que perspectiva for.

JOÃO DUQUE

TORNOS CUBILLO, Andrés, Inculturación. Teología e método, Biblioteca Teología Comillas, vol. 1, Universidad Pontificia de Comillas / / Desclée de Bouwer, Madrid 2001, pp. 393, ISBN 84-330-1573-7.

Não abundam, no contexto teológico académico, estudos sérios sobre a complexíssima (do ponto de vista teórico e prático) problemática da inculturação da fé, mesmo que dela constantemente se fale (muitas vezes, de forma muito superficial e irreflectida). Por isso mesmo, cabe-me saudar de forma efusiva este interessante volume, fruto de estudos longos e amadurecidos do professor emérito de teologia dogmática em Comillas, Andrés Tornos Cubillo.

O livro abre logo com um capítulo introdutório fabuloso, pela sua profundidade e forma concentrada, sobre o conceito de cultura e o seu papel na relação entre sujeito e realidade. Numa sábia e bem documentada conjugação entre o resultado dos trabalhos da jovem antropologia cultural e da vetusta filosofia ocidental, o autor apresenta uma visão que foge aos idealismos de uma filosofia da cultura desincarnada e, simultaneamente, aos simplismos de uma antropologia irreflectida.

Desse modo, constrói um excelente pórtico de entrada para a abordagem da relação entre fé cristã e realidade cultural – até mesmo, ou sobretudo, na sábia conclusão de que a consideração das diferenças culturais e da sua imprescindível mediação no acesso à verdade não contradiz a universalidade desta, como muito bem soube afirmar a melhor tradição filosófica ocidental e que a ingenuidade positivista ou relativista apenas se limitou a ignorar. Neste aspecto, o autor revela sobejamente a mais valia que significa ter uma séria e bem fundada «cultura» filosófica e histórica, como antídoto para todos os reduccionismos simplistas, típicos de determinadas teorias mais recentes (isto é, dos últimos três séculos).

De qualquer modo, o pluralismo das culturas e a consciência do seu carácter incontornável estão mais que estabelecidos e a teologia não pode desviar-se do desafio

nisso implicado. É a uma possível resposta a esse desafio que o autor dedica o resto do livro, cuja primeira parte se debruça, precisamente, sobre a presença desses desafios na reflexão teológica contemporânea. E não receia colocar a questão mais grave logo de início: não significará todo o acto de evangelização uma violação de uma determinada cultura, a partir de outra? É certo que, para assim ser, seria necessário identificar o Evangelho com uma cultura – o que não é correcto. Mas também é certo que não é possível evangelizar sem partir já de um contexto cultural, no qual todo o evangelizador vive o Evangelho. Nesse sentido, embora se possa manter a distinção (de princípio) entre Evangelho e cultura (a famosa «transcendência cultural»), não existe, na realidade, nenhuma vivência do Evangelho que não esteja sempre ligada a uma cultura. E é daí que parte sempre toda a dialéctica da relação entre fé cristã e culturas, assim como entre umas e outras, quando marcadas por essa fé (evangelização mútua). A questão é, por isso, sumamente complexa e de difícil solução – mas não propriamente insolúvel.

O autor começa por enquadrar o assunto na história do cristianismo, desde as origens, para depois, analisar alguns textos do Vaticano II, que marcam uma progressiva tomada de consciência da situação e da estreita relação entre fé cristã e realidade cultural humana, aprofundada sobretudo pela *Evangelii nuntiandi*.

A segunda parte do volume é toda dedicada ao conjunto imenso das tarefas colocadas pela situação de pluralismo cultural à própria evangelização e que devem ser reflectidas teologicamente. A evangelização das culturas, assumida positivamente pelos documentos mais recentes do magistério, implica vários elementos, dos quais o autor salienta a relação à actual cultura de massas, de tendência globalizante.

Através deste percurso, Tornos atinge a reflexão explícita sobre o conceito de inculturação. Começando por analisar o uso dessa categoria, chega a uma definição da mesma, por distinção em relação a termos semelhantes. A conclusão mais forte é de que o Evangelho só é vivenciável a partir do interior de uma cultura determinada,

constituindo o processo da sua inculturação algo nunca acabado.

Numa terceira parte do volume, o autor aborda algumas questões teológicas levantadas pelo processo de inculturação, recolhendo logo de início os elementos e as soluções de um debate já realizado, sobretudo a partir dos anos 70. Passa-se, desse modo, a algumas questões centrais, das quais sobressaem duas: a da relação entre a consistência da fé e o relativismo cultural, assim como a da relação entre unidade da Igreja e pluralismo cultural. O autor pretende, de forma muito equilibrada, superar as alternativas que parecem instaurar-se nestes campos, rumo a uma relação dialéctica ou tensional entre estes binómios.

A última parte do livro é dedicada a propostas pragmáticas de evangelização das culturas, em estreita simbiose com a análise científica da cultura, sobretudo segundo o modelo semiótico (que considera a cultura como sistema de códigos que permitem decifrar o real, códigos esses que se encontram expressos, sobretudo, nos textos representativos de determinada cultura). É aqui que o autor desenvolve a dimensão mais «metodológica» do livro, com elementos altamente interessantes e úteis, sobretudo para os agentes da evangelização (que, em última análise, são todos os cristãos). Um apêndice aprofunda e por menoriza o significado do método semiótico de análise cultural.

É certo que a quantidade de informação e de elementos disponíveis neste volume poderão – assim se espera – dar lugar a um longo e vasto debate sobre a questão, quer do ponto de vista teológico, quer do ponto de vista metodológico. Sendo o método semiótico de grande valor, poderá não ser o único a utilizar como base do processo de inculturação. Por outro lado, o problema da relação entre Evangelho (no sentido mais vasto do termo) e culturas precisa de ser aprofundado em todas as suas vertentes. Quer um quer o outro destes dois âmbitos a debater não podem ser aqui abordados. Da minha parte, limito-me a apontar os dados principais do volume e a aguardar que os especialistas sobre ele se debrucem, pelo menos à altura do seu elevado nível.

JOÃO DUQUE